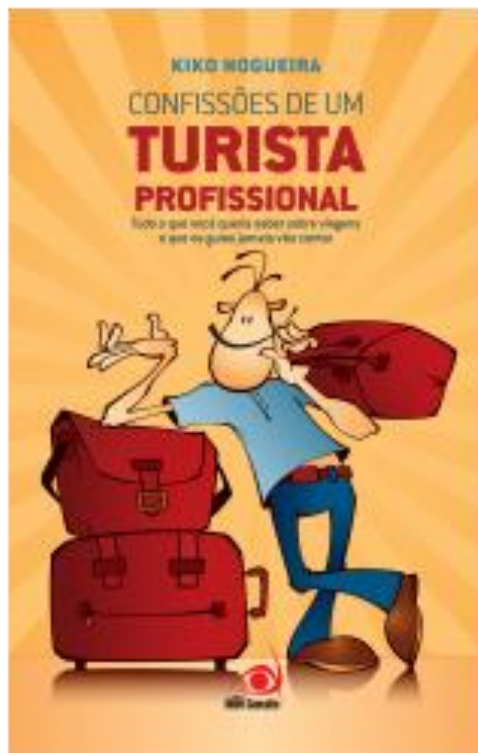


Resenha

CONFISSÕES DE UM TURISTA PROFISSIONAL: TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER SOBRE VIAGENS E NUNCA TEVE CORAGEM DE PERGUNTAR¹

Ewerton Reubens Coelho Costa²



¹ NOGUEIRA, K. **Confissões de um turista profissional**: tudo o que você sempre quis saber sobre viagens e nunca teve coragem de perguntar. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2011, 94 p.

² Graduação em Gestão de Turismo pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará; Formador de Gestores das Políticas Públicas do Turismo pelo Ministério de Turismo – MTUR / Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: ewertonreubens@hotmail.com

O livro “*Confissões de um turista profissional: tudo o que você sempre quis saber sobre viagens e nunca teve coragem de perguntar*”, obra de autoria de Kiko Nogueira, originalmente escrito em português e publicado em 2011 pela *Novo Conceito Editora*, apresenta seu conteúdo no formato de crônicas curtas visando atingir principalmente turistas e viajantes.

Para um leitor atento a primeira interrogação sobre a obra ocorre logo na capa, onde se pode ler o seguinte título: *Confissões de um turista profissional - tudo o que você sempre quis saber sobre viagens e que os guias jamais vão contar*. Contudo, a ficha de catalogação do livro apresenta: *Confissões de um turista profissional: tudo o que você sempre quis saber sobre viagens e nunca teve coragem de perguntar*, como sendo o título. O motivo para este fato não foi explicado ao longo do texto. Mas resolveu-se manter aqui o nome da obra de acordo com a ficha de catalográfica.

O livro é implicante e divertido. Logo na apresentação percebe-se a proposta irreverente da obra quando Nogueira faz sua apresentação ao leitor e revela seu alter ego, Jota Pinto Fernandes (o real narrador do livro), explicitando que as matérias sobre viagens podem ser um interminável mundo de clichês e denuncia que nem tudo é maravilhoso no mundo das viagens.

Sarcástico, sem rodeios e transbordando um humor ácido, o autor (e seu alter ego) oferece um caminho inverso aos principais roteiros turísticos brasileiros e mundiais. Fazendo observações do que se deve evitar durante as viagens o autor utiliza sua experiência como editor/pesquisador de uma revista especializada na atividade turística, e nas suas experiências enquanto turista, para fundamentar o escrito. Kiko Nogueira atualmente dirige a revista ALFA - publicação da Editora Abril voltada para o público masculino que utiliza dos tópicos Inteligência, boa vida, elegância e atitude como base para suas matérias; mas já foi repórter e editor da revista *Veja São Paulo*; diretor de redação da revista *Viagem e Turismo* (nesta publicação Jota Pinto Fernandes surge para

assinar a coluna Turista Razoável); do Guia Quatro Rodas e do portal Viajequi, da Editora Abril.

Ao longo do texto é nítida a visão satírica e voraz sobre todos os fatos analisados, que vão desde costumes à comida. E, por vezes, chega a apresentar o autor como rabugento e preconceituoso quanto ao tratamento de certas abordagens. Tais fatos podem ser inicialmente comprovados pelos títulos satirizados de cada capítulo: 1. *Ráu match?*; 2. Ò o auê aí, ô!; 3. Os americanos do Brasil; 4. *Made in Brazil!*; 5. Viva a rua Javari, meu!; 6. Anatomia é destino; 7. O Rio do João; 8. Pela volta da Mulata; 9. Haja paciência!; 10. Favela *hype*; 11. Ela está rindo de você; 12. Viajantes contra turistas; 13. A falta que eles fazem; 14. Iguais aos outros; 15. *Le grand mico*; 16. *Is that an elephant?*. 17. *No, we can't*; 18. Ame-os ou deixe-os; 19. Paraíso artificial; 20. O americano tranquilo; 21. Sem Fidel não dá; 22. A natureza chama; 23. Comprar também é cultura; 24. Mc Bobeira; 25. Histórias de viagens; 26. O fascínio do risco; 27. Os reclamões; 28. Baixo custo e baixo nível; 29. Proibido para menores; 30. Saudade da Panair?; 31. O fabuloso ano sabático; 32. Abaixo a divisão de classes!; 33. Selva de pedra; 34. Aquele não é o; 35. Por que só com fumantes?; 36. *Brazil? Where the fuck is that???*; e, 37. Viva o portunhol.

As 37 crônicas apresentadas no livro mostram que a realidade do turismo na atualidade pode ser diferente das maravilhas reveladas pelos anúncios das agências de viagens e programas de televisão - e nem sempre são bem humoradas. As crônicas não são inéditas, foram anteriormente publicadas na coluna Turista Razoável, da revista Viagem em Turismo.

Jota Pinto Fernandes no início do texto faz afirmações fortes e que deixam os leitores contemplativos. Ele afirma, por exemplo, que:

Nem todas as praias do Nordeste ou do Caribe é um paraíso e nem toda natureza é exuberante. Paraíso, aliás, é o lugar para onde você vai quando morre, se der sorte e, ainda, se morrer. Pousadas com “charme, requinte e sofisticação” não existem. Ou, se existem são todas do Amaury Júnior. “Casinhas incrustadas (ou encravadas, tanto faz) na montanha” já cansaram... que Dubai é uma miragem tirada de uma loja de

abajures do centro de São Paulo; que pousadas românticas as quais não aceitam crianças são racistas e que os paulistas estão para o Brasil assim como os americanos estão para o mundo (p. 7-8).

Considerando a adjetivação dada pelo senso comum de que todo aquele ser que fala a verdade é tachado como chato, o autor absorve tal adjetivação. E sem medo de causar polêmica tece críticas, na maioria das vezes negativas, aos destinos e aos turistas, divagando seu pensamento para apresentar situações reais vivenciadas por ele, e que são delicadas por vezes, que acabam levando o leitor a trabalhar também o seu lado crítico.

Dentre as situações apresentadas no livro e que causam polêmica imediata, a primeira crônica, intitulada '*Ráu Mâtch?*' (p. 13), é uma das minhas favoritas. Nela Jota Pinto apresenta seu ponto de vista sobre o momento em que cidade do Rio de Janeiro, quando eleita para sediar os jogos pan-americanos (2007), resolveu oferecer cursos de inglês para prostitutas, por causa do Pan. Em tom jocoso Jota Pinto afirma que "isso é que é investir no turismo!" e conclui que já existe projeto da Secretaria do Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro para ampliar o currículo das garotas de programa, ofertando também a língua espanhola.

A crônica inicial pode ser interpretada como uma alfinetada nos órgãos de gestão do turismo, pois o autor também cita outros problemas ainda existentes dentro do turismo e de suas áreas afins como: o fato dos controladores de vôo, até hoje, na sua maioria, ainda não saberem falar inglês e que a ação de oferecer estudos de línguas para prostitutas, promovida no Rio, não vai de encontro com as políticas de combate ao turismo sexual.

Não bastasse isso, o autor discorre ainda sobre o conteúdo das aulas de inglês oferecidas às prostitutas e explicita seu pensamento com as seguintes frases: *Fico pensando em como serão as aulas. "Hello, mister tourist. Do you want to make love to me?", "I'll make a good price for you". ; "Do you want me to... or do you prefer if I...?"* (p. 14)". Essa crônica, em especial é antes um alerta e um pedido para que se repense as ações e atitudes dos órgãos gestores do turismo, considerando o contexto atual e o futuro do turismo no Brasil, principalmente

durante a realização dos mega eventos que estão por vir (Copa do Mundo e Olimpíadas no Brasil).

O potencial turístico do nordeste brasileiro não foi esquecido pelo autor. Na crônica 'Ó u auê aí, ó!' Jota Pinto tece comentário sobre a Praia do Futuro, em Fortaleza-CE. Os questionamentos deste capítulo giram em torno do barulho e do desassossego. O autor afirma que a referida praia é o símbolo supremo de um lugar com poluição sonora, falta de organização e bebedeira. De fato isso ocorre na realidade, mas não quer dizer que o lugar não seja um bom atrativo para visitação daqueles que buscam por turismo de sol, praia e areia se levarmos em conta que é a praia mais movimentada da Capital Alencarina – até por que visitantes que buscam por sossego preferem outro tipo de destino. Enquanto na crônica '*Made in Brazil*' o autor traz questionamentos sobre a fabricação e o consumo do artesanato local:

O artesanato local não é um valor em si. Tem o bom e o ruim. Aquele que é feito com seriedade e o outro, feito para enganar o turista. Mas de uma coisa você pode ter certeza: in loco, inspirado por forças indefiníveis como a brasilidade, a febre amarela ou a insolação, você vai optar pelo pior (p. 19)

Outra crônica que causa controvérsias fala dos estereótipos com seu poder de caricaturar os visitantes: em os '*Americanos do Brasil*' (p. 17) Jota Pinto faz um jogo de comparações entre americanos e paulistas para abordar semelhanças de reações dos respectivos perfis, durante viagens. Sugere, baseado em George Bernard Shaw (um dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês; autor de comédias satíricas que o tornaram conhecido pela sua irreverência e inconformismo) que, "as classificações cruas e as generalizações são a maldição da vida organizada" (p. 17). Mas que, definitivamente, por serem mais "ricos" os paulistas estão para o Brasil como os americanos para o mundo.

No imaginário coletivo, quando se pensa em viagens internacionais, Paris sempre vem em primeiro lugar. Provavelmente pensando nisso, e sabendo das

estimativas de visitação daquela cidade, Jota Pinto escreveu a crônica 'Ela está rindo de você' (p. 34), onde recomenda que se você for a Paris, não deve ir aos museus, sobretudo ao Louvre – sugere que as pessoas imaginam que vão poder passar muito tempo para analisar a obra mais famosa do mundo, guardada naquele Museu, a Monalisa, quando na realidade você só consegue passar poucos minutos apreciando o trabalho de Da Vinci pelo fato de logo surgir alguém lhe empurrando, para apreciar a obra também. Reclama ainda das intermináveis filas na Torre Eiffel.

Jota Pinto Fernandes não poupa críticas à falta de incentivo ao turismo no Brasil; às acomodações de classe econômicas das companhias aéreas; como também, ao arquiteto brasileiro, internacionalmente reconhecido, Oscar Niemeyer – que, de acordo com Jota Pinto, deixa um rastro de concreto por onde passa.

Encontram-se algumas contradições ao longo do texto, principalmente quando Jota Pinto faz críticas aos mochileiros, para em seguida relatar uma ida à Paris, onde foi enganado, e estava de mochila; tece ainda críticas referentes ao comportamento dos turistas japoneses, para mais na frente os elogiar; diz que tirar fotos dos lugares não é legal, mas sempre está ele com sua máquina fotográfica.

É preciso ir, ao menos uma vez, ao Cristo Redentor e posar para a clássica 'foto-prato'. Ir a Paris e subir a Torre Eiffel. Assistir ao ensaio do Olodum. Andar de bonde em São Francisco. Mergulhar em Porto de Galinhas. Andar de carruagem no Central Park. Tirar uma foto com um centurião cafajeste italiano em frente ao Coliseu. Rir de si mesmo (p. 38).

O livro contempla fatos com abordagem generalista sobre o mundo das viagens que são enunciados em linguagem direta, através de textos curtos de fácil assimilação. Por apresentar poucas páginas a leitura torna-se rápida e dinâmica. A presença do humor ao longo do texto talvez seja uma dos elementos que tornem a leitura mais rápida.

A obra abre um espaço para o questionamento sobre a qualidade dos serviços e produtos turísticos. Contudo, o livro não tem caráter científico, mas aborda boa parte dos problemas que são observados na leitura de obras acadêmicas que versam sobre a atividade turística. E, por este motivo, pode servir como objeto de estudo para pesquisadores e estudiosos que se dedicam ao melhor planejamento da atividade turística, sobretudo no que se refere aos destinos turísticos.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 24. jul. 2012

Aprovado em: 18. set. 2012

REFERÊNCIA DESTA RESENHA:

NOGUEIRA, K. Confissões de um turista profissional: tudo o que você sempre quis saber sobre viagens e nunca teve coragem de perguntar. Resenha de: Ewerton Reubens Coelho Costa. **Turismo: Estudos e Práticas** - UERN, Mossoró/RN, vol. 1, n. 2, p. 210-216, jul./dez. 2012.